

**“CASA DA ÁGUA” DE ANTONIO OLINTO: LITERATURA COM BASE NA
MEMÓRIA E VIVÊNCIAS NEGRAS.**

*“CASA DA ÁGUA” DE ANTONIO OLINTO: LITERATURA BASADA EN LA MEMORIA
Y LAS EXPERIENCIAS NEGRAS.*

Eixo 6 – Representação, memórias e figurações.

Eunice Gonçalves Queiroz
Universidade de São Paulo – USP, Brasil
egqueiroz@usp.br

Henrique Cunha Junior
Universidade Federal da Bahia – UFBA, Brasil
henriqucunhaafricanidade@gmail.com

Resumo: As vivências da população negra e principalmente as femininas foram sistematicamente excluídas da história oficial. Os protagonismos da população negra entre o escravismo e a abolição, entre o Brasil e a África quase não faz parte da nossa memória escrita. A Casa da Água introduz informações históricas na forma de romance que resgata esse protagonismo e inspira muitas questões para a compreensão da história do Brasil, nesse universo quase apagado das mulheres negras empreendedoras. Na perspectiva em compreender o histórico da formação sócio espacial da população negra no Brasil, e face a institucionalização e instrumentalização de apagamentos contínuos destes fatos. O artigo proposto apresenta o livro, ressalta a importância descortinada nele e elabora uma discussão das decorrências dessa leitura. Entende e destaca como esse romance favorece a interpretação da história no sentido pretendido pela lei N.10.639/03. Para a consolidação do nosso propósito o trabalho se organiza com um resumo do livro; estruturando sua visão renovada do Africano-Brasileiro; similaridades de fatos através de bibliografia; e apresenta considerações sobre o que impacta e modifica com a leitura do livro, tendo como consideração um ensino transversal ao conjunto de disciplinas de história, geografia, cultura e religiosidade. O artigo é uma contribuição ao estudo de literatura nas disciplinas de graduação e pós-graduação em arquitetura, urbanismo e design.

Palavra chave: Vivências afrodescendentes. Memória e história da população negra. Literatura e história; O sonho de voltar a África.

Resumen: Las experiencias de la población negra, especialmente las mujeres, han sido sistemáticamente excluidas de la historia oficial. El protagonismo de la población negra entre la esclavitud y la abolición, entre Brasil y África, está prácticamente ausente de nuestra memoria escrita. A Casa da Água presenta información histórica en forma de novela, reivindicando este protagonismo e inspirando numerosas preguntas para comprender la historia brasileña, en este universo casi borrado de mujeres negras emprendedoras. Este artículo busca comprender la formación socioespacial histórica de la población negra en Brasil, y a la luz de la institucionalización e instrumentalización de la continua omisión de estos hechos. Este artículo presenta el libro, destaca su importancia y analiza las consecuencias de esta lectura. Se comprende y destaca cómo esta novela sustenta la interpretación de la historia prevista en la Ley 10.639/03. Para consolidar nuestro propósito, el trabajo se estructura con un resumen del libro; se estructura su visión renovada de lo afrobrasileño; se presentan similitudes de hechos a través de la bibliografía; y se presentan consideraciones sobre los impactos y cambios en la lectura del libro, considerando su enseñanza transversal en las disciplinas de historia, geografía, cultura y religión. El artículo constituye una contribución al estudio de la literatura en los cursos de grado y posgrado de arquitectura, urbanismo y diseño.

Palabras clave: Experiencias afrodescendientes. Memoria e historia de la población negra. Literatura e historia; El sueño de regresar a África.



A necessidade em rever a história do Brasil numa perspectiva Africana, Afro Diaspórica

Literatura e história são áreas do conhecimento que se retroalimentam e produzem a formação de consciências sociais e de marcadores de mudança epistêmicas quanto às interpretações da formação social, econômica, política e cultural das sociedades.

A educação oficial, a militante, a informal orientada se alimentam da produção literária e da produção histórica. Os esforços históricos dessa inclusão tiveram uma força conjunta a partir de 1970 num movimento denominado de consciência negra, e na literatura apresentou como símbolo máximo a edição dos Cadernos Negros. (Cunha Junior, 2022), (Cunha Junior, 1992). Portanto, literatura e história, identidades negras e educação, são campos de interesse no qual se inscreve esse artigo.

A produção de história da população na perspectiva da população negra é um projeto antigo que foi executado por diversas frentes intelectuais das universidades e da militância do movimento negro. Frentes que receberam grande relevância a partir dos anos 2000 com a fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros - ABPN. Que também tem como referências movimentos passados e principalmente a onda iniciada em 1970 com o rótulo de movimento de consciência negra. Os pesquisadores negros formavam desde Juliano Moreira em 1892, seguido por Manoel Querino com o questionamento sobre o verdadeiro colono brasileiro na figura do africano em 1918, a grande socióloga e psicanalista em 1940 Virginia Bicudo, como Guerreiro Ramos em 1954 e Clóvis Moura em 1952, um fortíssimo campo de rejeição do eurocentrismo e produção das ideias em consonância com o Pan-africanismo. Considerando o pan-africanismo como um movimento sindical, intelectual, político e cultural que pensa as problemáticas das ciências humanas africanas e afrodescendentes a partir das referências africanas e tendo como premissa uma autonomia conceitual e crítica com relação a produção ocidental. A oficialização internacional do pan-africano se deu em 1900, sendo que em 1904 já existiam grupos pan-africanistas nos movimentos da população negra brasileira. Lembramos que a constituição de grupos de operariado socialistas negros no Brasil datam de 1850 (Santos, 2009). O pensamento pan-africanista tem como fundamentos as filosofias e a história africana; Tendo como um de seus idealizadores Marcus Garvey (Gomes, 2020).

No campo internacional as reformas epistêmicas sobre literatura e a história ocorreram em diversos episódios e frentes, desde aproximadamente 1930, no qual se tem como marco o livro, com o título: *Facing Mount Kenya* (Kenyatta, 1978), com movimentos como o da negritude, (Munanga, 2015) de renascença do *Harlem*, das literaturas africanas, e os movimentos da literatura negra caribenha e americana. Sendo o marco fundamental desse grande processo a publicação pela UNESCO em 1980 da monumental “História Geral da África. Fato que consolidou um grande processo de mudança da perspectiva da produção histórica e literária que as universidades brasileiras, muito eurocêtricas e brancocêtricas (Cunha Junior, 2019) ainda não assimilaram e pouco consideraram a cultura negra.

Já as ciências humanas europeias de fundo marxistas sofreram um grande abalo em meados dos anos de 1980, com a queda do muro de Berlin, soma-se a este fato as independências africanas e os movimentos imigratórios no centro da Europa. Seguido pelo fato econômico e científico da produção asiática ter superada a europeia. No rearranjo das mentalidades científicas, históricas, culturais e políticas europeias surgiram movimentos que puseram em questão o passado europeu.



No âmbito desses movimentos é que surgem as teorias pós-colônias, decoloniais e pós-modernas que tiveram relativa repercussão no Brasil. Dada a repercussão destas como renovação e pioneirismo que não tinham, ampliou-se os espaços para novos estudos sobre populações negras com os rótulos de descolonização do pensamento.

Dentre essas sínteses e mudanças epistêmicas acima mencionadas é que foram criadas nas universidades brasileiras disciplinas de graduação e pós-graduação que procuraram uma revisão da história das populações negras e das literaturas negras. Este texto tem como função mostrar que a leitura do romance *a Casa da Água*, nas disciplinas de Bairros Negros, nos cursos de Arquitetura, Urbanismo e Design (Cunha Junior, 2019), e nas disciplinas de pedagogia sobre Cultura Brasileira (Cunha Junior, 2005) introduz um efeito norteador renovado sobre identidades negras na formação social brasileira (Cunha Junior, 2009). O romance sintetiza a ambição de diversos movimentos políticos culturais e sociais no sentido de uma nova compreensão ampla sobre posição de mulheres e homens negros na sociedade brasileira.

Sobre as disciplinas dos cursos de arquitetura, urbanismo e design, estas têm como proposição uma leitura da cultura brasileira e tradução desta em produto físico, em construto de projeto. (Cunha Junior, 2020). Existiram no transcurso dos últimos 22 anos, realizadas no Ministério da Educação, propostas de mudanças curriculares importantes como a edição da Lei N. 10.639 que obriga o estudo da história e da cultura brasileira e nesse movimento se necessitam de referências como: ‘*Casa da Água*’ (Brasil, 2003), (Brasil, 2000), (Ferreira; Rocha; Oliveira, 2016).

Para a consolidação do nosso propósito esse artigo se organiza como um resumo do livro. Uma introdução a biografia contextualizada do autor, procurando mostrar como foi possibilitado a ele essa visão renovada do Africano-Brasileiro. Depois apresenta considerações sobre o que impacta e modifica com a leitura do livro, tendo como consideração um ensino transversal ao conjunto de disciplinas de história, geografia, cultura e religiosidade.

As passagens marcam o romance como proposta de resumo

A Casa da Água narra as memórias de mulheres africanas e afro-brasileiras num grande percurso histórico entre Nigéria – Brasil, localidades do Brasil e Brasil – Nigéria, num percurso onde flui a memória da cultura e os desejos de superação das situações. Um enredo que contradiz os ditos da história geralmente divulgada no imaginário social do Brasil sobre o escravismo, onde aparentemente os escravizados teriam perdido a noção das suas origens e não houvesse lutado por uma melhora social.

A realidade nos mostra que com a abolição da escravatura, no Brasil se perpetuou uma estrutura de exclusão ao negro e seus descendentes, em especial quanto a posse de terras e instrução, Buainain, (2008, p. 21) “A Lei de Terras de 1850, cuja motivação principal era dificultar o acesso à terra por parte dos quilombolas (escravos fugidos) e dos produtores independentes”, ou seja, queria-se a inviabilização do negro ao acesso à terra.

Sobre a instrução, é importante entender que houveram proibições contínuas a instrução dos negros Brasil afora, Queiroz (2023, p. 176) “as quais por imposições institucionais que continuamente criavam entraves e os excluía da possibilidade de se desenvolver no campo instrucional, os negros foram forçados pela estrutura instalada a não ter possibilidades de se instruir!” Então, houve a mão pesada do Império e da República Brasileira excluindo aqueles que



construíram esta nação. Já a maneira como foi executada a abolição da escravidão no Brasil, Moura (2019, p. 21) nos explica que, nenhuma reforma foi executada na estrutura da sociedade brasileira, era o início da marginalização do negro após a Abolição, que continua até os nossos dias. Moura (2019, p. 39) entende que há um pensamento social de subordinação ao negro,

[...] houve uma reformulação dos mitos raciais reflexos do escravismo no contexto da sociedade de capitalismo dependente que a sucedeu, reformulação que alimentou as classes dominantes do combustível ideológico capaz de justificar o peneiramento econômico-social, racial e cultural a que ele está submetido atualmente no Brasil através de uma série de mecanismos discriminatórios que se sucedem na biografia de cada negro.

O imaginário social brasileiro produzido pelo governo republicano desconhece os retornados para o continente africano, inclusive, nunca trata de como se deu em realidade as histórias do pós-abolição. A narrativa da casa da água reestabelece todos esses elos para o imaginário brasileiro, sendo este romance importante para a história nacional. Existiram sagas de africanas na história nacional e a da Mariana é uma delas!

A Casa da Água

A seguir, pontos de destaque da saga de uma família brasileira de ex-escravos que retorna para a África, o que possibilita um resumo do livro.

Mariana andava por toda parte e aprendia no dia a dia, na escola, no mercado, nas rezas, desbravava com o olhar tudo a sua volta. Ela acolhe os fatos de maneira indistinta e as guarda ao longo da vida e os fatos vão se repetindo, tudo se movimentando e transformando incessantemente. O Espírito Santo, diversas vezes repetidas na imaginação da menina, faziam similaridade as andorinhas ao redor da igreja, e há também as que seguiram ao redor do navio.

Quando se tem a primeira enchente do rio Piau em 1864 e a segunda agora, pensa-se qual é a época? E Catarina, a Avó de Mariana, dizendo: Tenho que voltar e quero levar minha filha e netos comigo, saí de lá faz mais de 50 anos, foi meu tio que me vendeu. Eu morava em Abeokutá. O sonho dela passa a ser um retorno a sua terra natal; mas, a cada novo local desta empreitada, Catarina relembra da sua sofrida vinda, como mercadoria; então, pedia que Xangô com seu machado duplo e que Nossa Senhora do Rosário a santa dos pretos que auxiliassem o barco do retorno. Lembrava-se das congadas do Piau, e pensava nas festas de tambor de Abeokutá. Ao chegar em Lagos se adaptou com suas vendas. Reuniu a família e foram de canoa a Abeokutá; mostrou o palácio, o mercado, a casa onde morava, mas, não encontrou familiares. Depois foi enfraquecendo e pediu que a chamassem de seu verdadeiro nome Ainá. Os amigos a visitaram e ela faleceu. D. Zezé explicou, quando a pessoa jovem falecia era triste, mas caso contrário havia uma festa que chamavam de “Serenata”. Vamos precisar de búzios, bebida, biscoito, pastéis, acarás, caruru, bolos, tem que matar uma cabra, dois atabaquistas, tocador de violão, flautista, clarinetista, mesas e cadeiras. Na serenata cada um recebia um búzio, os músicos tocavam, todos bebiam, faziam cantigas, refrãos e lembravam da falecida; o padre veio e encomendou o corpo.

Catarina ensinou a Neta a usar *ôri* para proteger a pele, comer com as mãos peixe frito no dendê misturado na farinha. E Mariana aprendera uma mescla de religiões e hábitos. Viu na “Semana Santa” a noite do lava pés. No Rio de Janeiro festa a Nossa Senhora da Glória e a de Iemanjá. Na Bahia, ouvia falar de rezadeiras, de Ogum, Oxósse, Xangô, Oxum, Oxumaré e de Nanã. Via



procissão, velas acesas. Na Festa do Bonfim, mulheres de branco levavam enormes vasos na cabeça, flores caíam pelo chão, subiam os degraus, saias brancas, largas rodavam pelo adro ao lavá-lo.

Na Festa de Xangô, diziam que as pedras cresciam; Mulheres cantavam e homens tocavam tambores. Na festa para os Egúns no Brasil, homenagem aos antepassados todos se ajoelhavam; e depois na Nigéria viu grupos de Egunguns, com máscaras imensas, saíam pelas ruas para homenagear os falecidos. E a festa com os calungas, uma enorme figura de mulher, do boi, do burro, da ema que formam o bumba meu boi no Brasil e que na Nigéria chamavam de “Burrinha”. Festa de Nossa Senhora dos Prazeres; Festas de Santo Antônio; Sacrifícios para os orixás; Máscaras de madeira na festa de *Gueledé*.

E na vida adulta, Mariana tinha um quarto onde estavam as esculturas de Xangô, Oxósse, Oyá, Iemanjá e Ogum.

O retorno para a Nigéria foi no navio a vela chamado Esperança, e nas dificuldades da travessia, novas irmandades foram se firmando... Ao chegar em Lagos, D. Zezé ajudou a família de Mariana a vender *ôbis*, *orobôs* e fumo. Eles residiram na rua Bangboshe, constituído inicialmente de sala, quarto e cozinha. E no futuro se transformou em um grande sobrado com varanda. Existiam muitos sobrados brasileiros em Lagos, o do seu Alexandre da Costa, João de Souza, Gaspar Antônio Sales. Havia os que haviam vindo no navio Esperança, no Carlota, no Vila Isabel, no Biáfara, todos brasileiros retornados.

Sobre os hábitos diferentes em casamentos, Epifânia a mãe de Mariana foi informada pelo pai de Sebastian, Sr. Justino que o filho queria conhecer Mariana com propósito de casamento. Se marcou o noivado e no ritual do noivado diversas mulheres entraram com panos na cabeça e se dizia não... até que Mariana entrou, se perguntou, é esta? A concordância ecoou... sim! ...Tempos depois o casamento ocorreu, com cortejo aos noivos de braços dados até a igreja. Mariana tivera seu primeiro filho que se chamou Joseph, sua segunda filha Ainá e o terceiro Sebastian.

Por motivos financeiros Mariana não pode voltar para a escola, então passou a dar aulas. Mas, fazia parcerias e negociava com competência. Quando pensou no poço de água pesquisou e contratou pessoa experiente, e começou a vender água, definiu o preço e horários. Pagou o empréstimo e reformou a casa, depois viu uma casa que daria uma boa loja, começou a vender móveis e produtos importados.

O marido de Mariana, foi procurar emprego na Ilha de Fernando Pó, retornou três anos depois. E ao separar uma briga foi atingido por uma facada e faleceu. Após a morte do marido, Mariana sentiu necessidade de um novo chão, procurou e chegou a Uidá. Construiu uma casa perto da fronteira, entre Daoné e Zorei, mandou fazer uma tabuleta: “Casa da Água” e colocou no sobrado, Mariana pensou no poço: “ó poço que mantivesse a prosperidade de toda família...”.

Quando foi o momento dos filhos serem instruídos, Mariana visitou uma família Nagô, quiz saber pelo Ifá, como agir com os filhos. Durante anos ela administrou tudo, enquanto os filhos estudavam, suas competências profissional e intelectual eram louváveis, pois: falava o francês e o alemão com facilidade, entendia um pouco o *ewe* e o *fon*, tinha antes o português, *yorubá* e o inglês. Construíra um patrimônio com casa e comércio em Lagos, outra casa entre Uidá e Zorei, uma segunda casa em Zorei e outra loja em Aduni; sendo chamada de D. Mariana Sinhá.



A vida seguiu seu curso, dos filhos de Mariana, Joseph se formou advogado, casou com Ana e teve filhos; Sebastian se formou professor, casou com Segui e teve uma filha e Ainá se formou médica.

A expectativa no retorno de seu filho Sebastian, por ele ter estudado em Paris era grande, os *ewes*, *fons*, *vodus*, *grunsis*, *mahis*, pessoas de Daomé, da Nigéria, de Zorei e do Togo o esperavam em frente a sua residência. No início ele ministrou aulas e depois se candidatou a representante de Zorei na Assembleia Francesa, Mariana pensou no filho provocando admiração, aquele filho que caminhava sereno, olhar sério de quem avalia consequências. Estavam em votação representantes para a Assembleia na França de Daoné, do Togo, da Costa do Marfim, do Níger, do Senegal, do Gabão e de Camarões.

Segui ficou grávida e morreu ao dar à luz a uma menina que se chamaria Mariana; a Avó passou a cuidar da neta. E Sebastian se tornou o presidente da república de Zorei.

Mariana participava de audiências, visitas e representou Zorei; se habituou a sair toda manhã, visitava a loja, ouvia notícias dos amigos e familiares e voltava para o palácio na hora do almoço, era quando conversava com o filho. Quase sempre com a neta no colo ou amarrada às costas. Ela foi visitar o bisneto na Nigéria que em homenagem ao tio se chamaria Sebastian. Ao retornar ficou sabendo de uma rebelião no palácio e que o presidente havia sido morto. Mariana sentiu-se como se levitasse, ouvia os batimentos do coração, levantou-se Mandou chamar o chofer, quando entraram em Aduni a cidade estava silenciosa e ninguém nas ruas. Chegou no palácio e falou para os guardas, sou a Mãe. Trouxe o corpo do filho para a Casa da Água, foi no baú e escolheu um lençol branco para colocar no filho, pegou a bandeira de Zori e o cobriu, levou o caixão aberto até a cova no areal, em determinado momento achou que tinha muita gente e pediu que se afastassem, as pessoas se afastaram, criando um círculo e ela deu um enorme berro.

Visão do livro transforma o nosso entendimento sobre a história do Brasil

Tem livros que nos eleva a um patamar de participar da história; O Casa da Água num requinte de beleza estética da narrativa, traz o leitor para dentro da história, com enorme mescla de culturas. Suas páginas são lidas com o sabor agradável de profundidade e bem-estar, construindo interação das culturas nigeriana e afro-brasileira, produzindo o pertencimento e a identidade. Trata-se de uma narrativa histórica sobre a identidade brasileira redescoberta. Existe um agrupamento de fatos sobre os povos africanos que contribui para um entendimento da nossa cultura, hábitos, valores e perspectivas de vida (De Jesus; Cunha Junior, 2020).

Nas escolas brasileiras se negligencia falar sobre os africanos, sua contribuição, sua cultura trazida e reelaborada com conhecimento e técnicas diversas aqui para o Brasil. Que após a abolição do escravismo criminoso, entre outros, existiram vários navios que voltaram com africanos e seus descendentes, e/ou que muitos ficaram na própria fazenda que estavam por não saberem da abolição. E outros passaram a andar pelo território tentando se encontrar e buscando trabalho, liberdade e respeito social. Sobre a data da abolição da escravatura no Brasil ela não é única, Moura (2019) nos acrescenta que, algumas províncias decretaram antecipadamente extinta a escravidão em seus territórios, casos como no Ceará e em Porto Alegre.



Enfim, falar deste enorme grupo social de trabalhadores africanos escravizados que construiu o Brasil no período colônia, com ausência de liberdade, mas, com técnicas que utilizavam em África, conforme Cunha Junior (2010 e 2023), ressalta que:

até o século 16 o desenvolvimento africano era superior ao europeu em várias áreas do conhecimento. Alguns conhecimentos técnicos e tecnológicos importantes foram desenvolvidos dentro do continente africano, outros vieram de intercâmbio com a China, Índia e com os países árabes. Importantes conquistas na matemática, como a geometria e a teoria de sistemas dinâmicos, na astronomia e mesmo na medicina foram realizados na África (CUNHA JUNIOR, 2010, p. 11).

São 6.000 anos de história africana e que começaram a ser contados a partir da invenção da escrita, sendo que as escritas africanas estão entre mais antigas da humanidade. Enquanto a escrita na Grécia apareceu apenas há aproximadamente 800 anos antes da era cristã, no Egito esta apareceu há 4.000 anos. Há conhecimento da agricultura no continente africano, que apareceu há 8.000 mil anos antes da Era Cristã. A produção de tecidos e roupas no Egito apareceu há 5.000 anos antes da era crista. A organização das primeiras cidades data dessa mesma época. A tecnologia das grandes construções no continente africano é milenar. A tecnologia do ferro apareceu no continente africano há 2.000 anos antes da era cristã. O mercantilismo africano do comércio entre os três continentes foi intensificado desde o início da era cristã e obteve seu auge entre os séculos 8 e 12 da nossa era (CUNHA JUNIOR, 2023, p. 21).

Sobre os brasileiros e africanos que na pós-abolição da escravatura retornaram ao continente africano os quais são chamados “Aguda’s”, estima-se este número de retornados seja entre 7.000 e 8.000; e há de se entender que em sua maioria foram ex-escravos e descendentes de mercadores de ex-escravos, onde:

os descendentes de mercadores de escravos e ex-escravos no Brasil retornados a África são conhecidos como “Aguda’s”. Numerosos, esses brasileiros estabeleceram-se na região da antiga costa dos Escravos – que abrangia todo o golfo de Benim, indo da atual cidade de Lagos, na Nigéria, até Acra, em Gana – entre os séculos XVIII e XIX. Calcula-se que entre 7000 e 8000 são o número de retornados a se instalarem na região no Século XIX. (OS BRASILEIROS, 2025, n.p.)

Onde exige determinação que este véu seja rasgado e é fundamental e estrutural para a nossa consciência histórica e para nosso projeto de nação. No romance se abre um leque de possibilidades para revisão da história nacional e da cultura brasileira, na perspectiva dos africanos e descendentes. Figuram a diversidade africana com suas etnias e grupos que produziu o Brasil, como:

- Os malês que rezavam voltados para meca a cidade sagrada deles que são os mulçumanos africanos;
- Os *yorubás* dos mais diversos de Ibadfá, Itsequirins de Warri, Ibôs de Onitisha homens com longas saias, azuis, amarelas e cor de rosa.
- Os geledeés que pintam uma série de máscaras de madeira, saem para as ruas com bailarinos que ao som de tambores, dançam para apaziguar os espíritos.



- Os ewes, fons, voduns, grunsis, mahis e pessoas de cidades como Daomé, da Nigéria, de Zorei e do Togo.

Entendendo a importância deste romance ser lido no âmbito de disciplinas (Cunha Junior, 2020; 2022) a leitura acompanhada por um conjunto de sequências didática que levam a trabalhos de pesquisa e discussões em sala de aula de seis grandes temas (Melo, 2020), (Ferreira; Rocha; Oliveira, 2016):

- Como são os dados geográficos sobre os lugares e territórios populacionais que são apresentados no romance?
- Quais os contextos históricos tratados no romance e qual conjunto de artigos da história?
- Como se organizaram no Brasil os candomblés e umbandas brasileiros e como eles aparecem no romance?
- Como se organizaram as irmandades negras no Brasil e no continente africano?
- Quais livros tem abordagens semelhantes ou complementares e em que diferem essas abordagens?

Considerações Finais

Tudo acima pesquisado é um existir negro diaspórico, pouco comum no imaginário brasileiro.

Pensar as construções e vivências afrodiaspóricas, amplia a análise sociocultural, mas principalmente na relação indivíduo-espço e de como essas relações são intrínsecas à noção de parentesco, continuidade e apoio mútuo; se faz necessária esta investigação e outras mais, como resgate de existência de 56,8% da população brasileira como uma construção social, reinventada através do contexto afro-diaspórico e adaptada tanto em território brasileiro quanto nigeriano.

Reitera-se a possibilidade de usar este estruturante escrito: A Casa da Água, como desbravador de algo necessário e positivo para o conhecimento da população brasileira, apoiando a Lei N. 10.639/03, que entre outros, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Referências

BUAINAIN, Antônio Márcio (coord.) et al. Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. **Diário Oficial da União,** Brasília, 2003.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Textos para o movimento negro. 1. ed. São Paulo: **Livros em Revista;** Editora Edicon, 1992. v. 1, 142 p.



CUNHA JUNIOR, Henrique. História e cultura africana e os elementos para uma organização curricular. **Temas em Educação**, v. 14, p. 153-185, 2005.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Tecnologia africana na formação brasileira. Rio de Janeiro: **CEAP**, 2010. il. ISBN 978-85-99889-18-3.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Candomblé: como abordar esta cultura na escola. **Revista Espaço Acadêmico (UEM)**, v. 102, p. 97-101, 2009.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. **Revista da ABPN**, n. 4, 2019.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros, a forma urbana das populações negras no Brasil: disciplina da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Crítica e Sociedade: **Revista de Cultura Política**, v. 10, n. 1, p. s/n, 2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. História dos afrodescendentes: disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 232, p. 99-113, jan./fev. 2022. ISSN 1519-6186.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Tecnologias africanas e educação. Salvador: EDIFBA, 2023. 55 p. **Coleção Pedagógica do Programa Asé Toré Formação em Educação sobre Negras (os) e Povos Indígenas**, v. 7). E-book. ISBN 978-65-88985-37-3.

DE JESUS, Tiago Souza; CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairros negros: patrimônio cultural negro em Fortaleza-CE. ID On Line. **Revista de Psicologia**, v. 14, p. 1045-1059, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2657>.

FERREIRA, Mário César Alves; ROCHA, Zenaide de Fátima Dante Correia; OLIVEIRA, Marilu Martens. Ensinando história: produção de uma sequência didática sobre as representações do negro no Brasil. **Polyphonia**, v. 27, n. 1, jan./jun. 2016.

GOMES, Fábio Florenço Gomes. Um Só Destino: Exame Histórico Sobre o Pensamento Educacional e Político de Marcus Garvey (1887-1940). **Doutorado em Educação** - Universidade Federal do Ceará, 2020.

KENYATTA, Jomo. Facing Mount Kenya: The Traditional Life of the Gikuyu. **East African Educational Publishers**, 1978, 386 p.

MELO, S. C. L. **Caderno de sequências didáticas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13947/2/SUSY_CLEA-CadernoSequenciasDidaticas.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. Editora Perspectiva, 2019, 320p.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 121 p.



OS BRASILEIROS retornados à África. **Uruguiana**, 28 dez. 2025. Atualizado em: 28 dez. 2025, 00h03. Disponível em: <https://www.uruguiana.rs.gov.br/os-brasileiros-retornados-a-africa/>. Acesso em: 28 dez. 2025.

QUEIROZ, E. G. Orixás e a sua complexidade sistêmica com Design, Arquitetura e Urbanismo e Arte no terreiro Axé Ilê Obá em São Paulo. 200p. Dissertação (**Mestrado em Arquitetura e Urbanismo**). Universidade Federal da Bahia, Salvador – Bahia, 2023.

SANTOS, José Antônio dos. "Intelectuais negros e imprensa no Rio Grande do Sul: uma contribuição ao pensamento social brasileiro". In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (orgs.). **RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, pp. 83-99.

